

O DF fora de foco

Pedro Celso

Detentor de uma renda **per capita** de cerca de US\$ 3 mil, a maior da América Latina; de um PIB de US\$ 6,25 bilhões, superior aos PIB de países como a Bolívia e o Paraguai; e de uma média salarial de oito salários mínimos, a maior do País, o DF poderia ser classificado como o "oásis" do desértico cenário econômico-social brasileiro. Seria território belga da possa propalada "Belíndia". No entanto, o quadro social da cidade aponta que essa imagem está fora de foco.

As contradições sociais da cidade são as mesmas que atingem a imensa maioria dos estados brasileiros. O índice de desemprego, por exemplo, é o maior do País — por volta de 15%. A concentração de renda é evidente, constatada inclusive na forma de ocupação do território. Enquanto 40% dos moradores do Plano Piloto, Guará e Cruzeiro recebem, em média, acima de 20 salários mínimos, apenas 1% dos moradores

de Ceilândia, Samambaia e Brasília atinge esse patamar.

O famoso Mapa da Fome, elaborado pelo Ipea, que impulsionou a campanha de Betinho, indicava a existência de cerca de 25 mil indigentes na cidade. O Dieese constatou que o número de miseráveis no DF aumentou em 80% no curto espaço de 12 meses. Em janeiro de 1992 eles eram 102 mil. Agora já totalizam 185 mil, isto é, 11,5% da nossa população.

Os indicadores da qualidade de vida no DF registrados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1990 apontam também números lastimáveis. São 264 mil trabalhadores que não contribuem para a previdência Social; 9,5 mil crianças de dez a 14 anos de idade que já trabalham; e 72 mil trabalhadores com rendimento familiar de até meio salário mínimo. Há ainda 8% de analfabetos; 5% de crianças de sete a 14 anos de idade que não frequentam a escola; e 8% de re-

sidentes em domicílios sem abastecimento de água e serviços de esgoto adequados.

As iniciativas governamentais para reverter este quadro são extremamente tímidas. No início de

Para reverter um quadro tão negativo como o brasileiro, exige-se mobilização plena

mas de ocupação e uso das áreas urbanas no DF, visando funda-

mentalmente a normatização dos inúmeros quiques surgidos nas cidades-satélites. Tais medidas, como era de se esperar, não tiveram qualquer efeito prático, pois transcorreu todo o ano e o número de desempregados na cidade permaneceu sempre acima dos cem mil.

É urgente que a sociedade civil e as entidades governamentais se mobilizem para reverter este lamentável quadro social. É comum ouvirmos que os habitantes do DF se sentem "donos do poder", pois são de uma forma ou de outra membros da parentela que administra O País. Isso até pode ter seu fundo de verdade. Com certeza deve ser a realidade de alguns poucos privilegiados, mas não é a dos milhares de despossuídos ou "desparentes" do DF. Essa maioria silenciosa e sofredora nunca consegue ser focalizada no cartão-postal da cidade.

■ **Pedro Celso é deputado distrital pelo PT**

25 ABR 1992